



A DIMENSÃO CRIATIVA DA LINGUAGEM COMO MEIO DE RESSIGNIFICAR OS LAÇOS HUMANOS NO ESPAÇO ESCOLAR

THE CREATIVE DIMENSION OF LANGUAGE AS A MEANS OF RESIGNIFYING HUMAN LINKS IN THE SCHOOL SPACE

Narda Teles 1
Jocélia Barbosa Nogueira 2

Resumo: O presente artigo buscou fazer uma breve abordagem sobre a atual forma de interações sociais na modernidade; que tem se pautado na superficialidade e na efemeridade. O objetivo desse estudo foi refletir sobre maneiras que possam contribuir para uma formação subjetiva mais sensível/humana e que possibilite a construção de laços sociais significativos. Para responder a problemática utilizou-se como metodologia a pesquisa bibliográfica. Após as leituras realizadas, consideramos que: inserir a arte no espaço escolar, pode potencializar a construção de relações solidárias e fortes. Durante o desenvolvimento do trabalho foi possível entender que há muito ainda a compreender sobre a importância de vivenciar a arte na escola.

Palavras-chave: Educação. Linguagem Criativa. Laços Sociais.

Abstract: This article sought to briefly approach the current form of social interactions in modernity; which has been guided by superficiality and ephemerality. The objective of this study was to reflect on ways that can contribute to a more sensitive/human subjective formation and that enable the construction of significant social bonds. To answer the problem, bibliographic research was used as a methodology. After the readings were carried out, we consider that: inserting art in the school space can enhance the construction of solidary and strong relationships. During the development of the work, it was possible to understand that there is still much to understand about the importance of experiencing art at school.

Keywords: Education. Creative Language. Social Ties.

1 Mestranda do Curso Profissional em Filosofia pela Universidade Federal do Amazonas (PROF-FILO).
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4070351426502263>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9989-9228>. E-mail: narda.telles@gmail.com

2 Orientadora Doutora em Educação e Professora do Departamento de Administração e Planejamento da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação - PROF-FILO - da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Amazonas. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0459825752592236>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8230-4857>. E-mail: jocelianogueira@ufam.edu.br



Introdução

“Vivemos em tempos líquidos. Nada foi feito para durar”
(Zygmunt Bauman).

O mundo vem passando por enormes progressos na área da tecnologia, o que, evidentemente, tem causado grande impacto na construção da subjetividade humana. Afinal, as crescentes e imensuráveis inovações, que surgem diariamente no corpo da coletividade, tem levado os indivíduos a outras formas de se relacionar. Dentro desse contexto, houve uma transformação profunda na construção dos laços sociais. Se antes as interações humanas possibilitavam relações que poderiam durar para sempre, como a amizade, agora isso não é possível.

Segundo Bauman (2011a), tais mudanças foram uma subsequência do consumismo, que desenvolveu uma nova maneira de pensar e de sociabilizar, baseadas, na superficialidade. Nada é duradouro, tudo é temporário, instantâneo e fútil. Essas características sociais são sustentadas pelo desenvolvimento tecnológico, pela globalização e pela era digital. Portanto, a forma como os vínculos humanos se estabeleciam no passado, esvaeceram. Agora, com as interações virtuais, os laços humanos não se consolidam, são efêmeros e descartáveis.

O advento da proximidade virtual torna as conexões humanas simultaneamente mais frequentes e mais banais, mais intensas e mais breves. (...). Os contatos exigem menos tempo e esforço para serem estabelecidos, e também para serem rompidos. A distância não é obstáculo para se entrar em contato — mas entrar em contato não é obstáculo para se permanecer à parte. Os espasmos da proximidade virtual terminam, idealmente, sem sobras nem sedimentos permanentes. Ela pode ser encerrada, real e metaforicamente, sem nada mais que o apertar de um botão (BAUMAN, 2011, p. 93-94b).

A tal contexto social, Bauman (2011a) deu o nome de modernidade líquida, uma metáfora para retratar e analisar os aspectos das constantes mudanças do presente. Nessa vida líquida, se evita relações duradouras, que podem desenvolver laços fortes; o que vale é a novidade do momento: a última moda, o último carro, a última self photoshopada.

Falar sobre a capacidade de durar por muito tempo não é mais um elogio aos objetos nem aos vínculos humanos. Presume-se que uns e outros sejam úteis apenas por um tempo fixo e depois se desintegrem, sejam rasgados ou jogados fora quando ultrapassam seu tempo de validade – o que ocorrerá mais cedo ou mais tarde. Assim, devemos evitar a posse de bens de longa duração, sobretudo aqueles que nos custam mais descartar. O consumismo de hoje não visa o acúmulo de coisas, mas à sua fruição instantânea e imediata (BAUMAN, 2011, p. 114c).

Como desdobramento desta vigente forma de sociabilizar, a subjetividade passou a ser construída sobre os seguintes aspectos: individualidade, competitividade, insegurança, isolamento, falta de afetividade e ausência de solidariedade. Uma inversão e/ou distorção de valores que antes existiam na modernidade sólida. Neste contexto consumista, essas características são evidenciadas na relação que os indivíduos passaram a ter com as coisas e com as pessoas. Pois agora tudo têm prazo de validade, tudo é passageiro e irrelevante.

É fato que, diante deste quadro, a escola está lidando com uma situação preocupante, que é: as experiências pessoais, vivenciadas no dia a dia pelos discentes, impossibilita-os a integralização profunda com os outros e a íntima construção de laços fortes e significativos. O que tem provocado um sentimento forte de vazio existencial, que por sua vez, desencadeia comportamentos pautados na violência, no desinteresse pelos estudos e no desrespeito por todos. Para essas crianças e jovens, as relações tornaram-se fluidas. E o que lhes resta é o sentimento de angústia e desamparo,

levando-os mais e mais aos relacionamentos virtuais, e caindo mais e mais no vazio de sentido.

A relevância de dar sentido à vida

“Não sei se a vida é curta ou longa demais pra nós, mas sei que nada do que vivemos tem sentido se não tocamos o coração das pessoas. Muitas vezes basta ser: colo que acolhe, braço que envolve, palavra que conforta, silêncio que respeita, alegria que contagia, lágrima que corre, olhar que acaricia, desejo que sacia, amor que promove. E isso não é coisa de outro mundo, é o que dá sentido à vida”
(Cora Coralina).

O ser humano sempre teve a necessidade de dar sentido à vida. Através da linguagem criou a religião, a arte, a filosofia e várias outras expressões de pensamento e entendimento de ser e estar no mundo. Portanto, como já foi evidenciado por muitos estudiosos, a história foi um processo de descoberta, criação e construção do próprio homem. Sua busca pela compreensão de si mesmo, levou-o a atravessar o limiar da racionalidade, tornando-se um ser simbólico, um ser da palavra; conforme Duarte Júnior reforça na citação abaixo:

O homem é, portanto, um ser de símbolos. A palavra possibilitou-lhe um desprendimento do corpo, isto é, deu-lhe a capacidade de voltar-se sobre si próprio numa atitude de reflexão. Não mais aderido e limitado ao seu organismo, tornou-se um objeto para si próprio, ou seja, pôde ver-se “de fora”, pôde buscar um significado, um sentido para sua vida. Com a palavra humana nasce a consciência do homem. Com a consciência, o homem se descobriu no mundo e no tempo (1980, p. 21, grifo do autor).

Essa longa evolução humana, trata-se na verdade, de um processo criativo, pelo qual, fundou-se culturas com as mais variadas tradições, identidades, senso de pertencimento etc. Onde as artes, as crenças e os valores, foram sustentados e transmitidas por gerações a fio. Afinal, ao criar, o homem criava sentido a própria vivência. A criação estava repleta de significados, tanto materiais quanto espirituais; algo que foi se perdendo na modernidade sólida, e que agora, parece ter se perdido profundamente na modernidade líquida. Estamos em estaque, sem conseguir significar e ressignificar nossa existência. Ficou apenas a sensação de incerteza, medo, solidão, insegurança. Pois, os princípios que nos guiavam, amoleceram, estamos pisando em areia movediça. Neste aspecto, João Nicodemos Martins Manfio, em sua tese de doutorado intitulada, *Zygmunt Bauman: Uma bibliografia e possíveis diálogos com a educação*, nos esclarece que:

(...) as rotinas, os hábitos, os rituais começaram a se desmanchar ou pelo menos se tornar débeis. Com isso o contemporâneo passa a ser marcado pelo fim dos padrões, das seguranças e das certezas. Pautados sobre valores cada vez mais efêmeros a vida das pessoas está sob ameaça constante da instabilidade e da inconsistência.

(...)

A ideia de fluidez perpassa o desenvolvimento da ideia de líquido ao longo da sua construção e desenvolvimento. Em várias obras Bauman enfatiza esse caráter de perda de regulação institucional e de garantias que a sociedade de consumo oferece. A ideia do consumo desenfreado pelos sujeitos como forma de se adequarem à sociedade, de exorcizarem os desejos de ter, transforma suas vidas em algo

tão descartável quanto aquilo que consomem. (2017, p. 48-49).

É fato que a história é marcada pela erosão do que já foi construído, do que entrou em decadência, do que necessita ser renovado. Mas, não nos parece que é isto que está acontecendo. Se o é, ainda está em transição, não ficou claro. Porém, o que nos parece é que perdemos algo, algo essencial. Isso nos remete a uma frase de Faya Ostrower, descrita por Faria e Garcia (2003, p. 40), que diz: “quando o homem moldou a terra moldou a si mesmo”. Aqui, a artista emprega o termo moldar para se referir a criar. Neste sentido, vale lembrar que o homem é um ser que constrói e desconstrói pelo imaginário, pela linguagem, pelas musas, pela poesia, pelo verbo, pelas palavras. Quando ele nomeia faz existir.

O poder da palavra que dá sentido a tudo

“As palavras são os suspiros da alma”.

(Pitágoras)

Em seu artigo *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*, Jorge Larrosa afirma:

(...) as palavras produzem sentido, criam realidades e, às vezes, funcionam como potentes mecanismos de subjetivação. Eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco. As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras. E pensar não é somente “raciocinar” ou “calcular” ou “argumentar”, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. E isto, o sentido ou o sem-sentido, é algo que tem a ver com as palavras. E, portanto, também tem a ver com as palavras o modo como nos colocamos diante de nós mesmos, diante dos outros e diante do mundo em que vivemos. E o modo como agimos em relação a tudo isso (2002, p. 20).

É claro que o autor está falando de uma linguagem que vai além da gramática, ele está falando de póiesis: essência do criar. Talvez por isso, Heidegger (2005, p. 8) afirme: “A linguagem é a morada do ser. (...). Os pensadores e os poetas são os guardas desta habitação. A guarda que exercem é o ato de consumir a manifestação do ser, na medida em que a levam à linguagem e nela a conservam.” Essa afirmação, mostra que o ser precede tudo que existe. Que o imaginário e o pensamento são o encontro do ser com sua própria essência, e por conseguinte, o limiar da linguagem. Portanto, há uma linguagem significativa e simbólica que revela o ser, pois “a linguagem é o advento iluminador-velador do próprio ser.” (HEIDEGGER, 2005, p. 28).

Percebe-se portanto, o quão grande é força da linguagem, já que nomear é fazer existir. Neste sentido, a palavra estava cheia de significados, era divina. Para Jatobá (2001, p. 31): “A palavra divina é, pois, a substância da qual são feitas todas as coisas. É o ato inaugural da fala é o ato inaugural do mundo”. No entanto, ao longo do assentamento do consumismo, a palavra foi perdendo a força. Isso trouxe consequências profundas à sociedade. Como agora, onde a forma superficial de sentir e pensar, mudou profundamente as relações sociais, que passaram a ser frívolas. Segundo Baumam:

E assim é numa cultura consumista como a nossa, que favorece o produto pronto para uso imediato, o prazer passageiro, a satisfação instantânea, resultados que não exijam esforços prolongados, receitas testadas, garantias de seguro total e devolução do dinheiro. A promessa de aprender a arte de amar

é a oferta (falsa, enganosa, mas que se deseja ardentemente que seja verdadeira) de construir a “experiência amorosa” à semelhança de outras mercadorias, que fascinam e seduzem exibindo todas essas características e prometem desejo sem ansiedade, esforço sem suor e resultados sem esforço (2011, p. 20b).

Neste aspecto, Claudia Carneiro e Stella Abritta em seu artigo *Formas de existir: a busca de sentido para a vida*, nos esclarecem:

A tecnologia trouxe o paradoxo da sobrevida e da autodestruição do ser humano. Tudo está pronto, a ponto de ser consumido e não mais exige do homem a construção de um sentido para tal: a poesia deu lugar ao mundo virtual, a sensualidade é objeto de marketing, a privacidade sucumbiu à sedução das comunidades on-line. O corpo está exposto e a intimidade devassada. Os jovens buscam nas drogas alguma compensação para a falta de uma razão de ser e de existir (2008, p. 191).

Esta situação fica bastante evidente no espaço escolar, onde se vê os alunos movidos pela superficialidade, pelos vícios, pela violência, pela moda. Eles não conseguem mais criar laços verdadeiros, não sabem como, não foram guiados por princípios que possibilitassem desenvolver relações sólidas. Tornaram-se tão insensíveis que não amam seus próprios familiares, apenas desvalorizam tudo que não lhes proporciona prazer imediato. E por mais que estejam reunidos no mesmo lugar, continuam solitários, suas interações são rasas, porque preferem as relações virtuais, impossibilitando-os à experiência de um convívio profundo. Para Ítalo Calvino:

Antigamente a memória viva de um indivíduo estava limitada ao patrimônio de suas experiências diretas e a um reduzido repertório de imagens refletidas pela cultura; a possibilidade de dar forma a mitos pessoais nascia do modo pelo qual os fragmentos dessa memória se combinavam entre si em abordagens inesperadas e sugestivas. Hoje somos bombardeados por uma tal quantidade de imagens a ponto de não podermos distinguir mais a experiência direta daquilo que vimos há poucos segundos na televisão. Em nossa memória se depositam, por estratos sucessivos, mil estilhaços de imagens, semelhantes a um depósito de lixo, onde é cada vez menos provável que uma delas adquira relevo (1990, p.107).

O pensador nos alerta que o bombardeio de imagens e informações, lançados pela mídia num alto grau de velocidade, traz a decadência da experiência significativa humana. Diante desta situação, cremos nós, a escola deve pensar uma outra forma de proporcionar interações entre os alunos. Algo que lhes possibilite vivenciar além do superficial, que lhes possibilite sentir, pensar, crer, criar. Para isso, os autores citados acima nos apontam um caminho: resgatar a dimensão criadora da linguagem. E, talvez assim, ela

possa nos guiar na busca de um outro padrão de existência, reformulando o imaginário que alimenta nossos desejos. O que buscamos depende, além das circunstâncias que nos cercam e dos imponderáveis, de vontade e ação. Ousar fazer. É no fazer, com seus erros e acertos, que poderemos construir uma nova forma de vida mais igualitária, criativa e feliz. (FARIA; GARCIA, 2003, p. 40).

A necessária ressignificação das interações sociais

“O que põe o mundo em movimento é a interação das diferenças, suas atrações e repulsões; a vida é pluralidade, morte é uniformidade.”

(Octavio Paz)

Nesta atualidade, onde as novas gerações crescem interagindo virtualmente, onde as relações ficaram rarefeitas, e para muitos, desnecessárias; é fundamental a busca de alternativas para a construção de laços sociais valiosos. E a educação tem papel fundamental neste processo. A pedagogia não pode mais ficar inerte diante de tais mudanças. É preciso inverter a ideia de que ter é ser. Duarte Junior, na citação abaixo, nos alerta que a vida vai além do mundo físico e concreto, segundo o autor:

a vida humana não é apenas vida (física), mas *existência*, ou seja, comporta um *sentido*. E este sentido são as palavras que nos dão. A linguagem – e através dela os valores, os significados – fundamenta e estrutura nossa existência nesta terra. (2019, p. 21).

Aqui, mais uma vez vemos referência à palavra, à linguagem. Justamente a linguagem, que através de sua natureza simbólica, nos permite tocar a alma do mundo, tocar a nós mesmos. No entanto, enquanto a escola se focar apenas num ensino conteudista, voltado para suprir o mercado global, os discentes estarão à deriva. É bom esclarecer que, ressignificar as relações sociais não é voltar aos velhos e rígidos moldes da sociedade moderna sólida, mas despertar humanidade no interior das pessoas. Para Joseph Campbell:

Um de nossos problemas, hoje em dia, é que não estamos familiarizados com a literatura do espírito. Estamos interessados nas notícias do dia e nos problemas do momento. Antigamente, o campus de uma universidade era uma espécie de área hermeticamente fechada, onde as notícias do dia não se chocavam com a atenção que você dedicava à vida interior, nem com a magnífica herança humana que recebemos de nossa grande tradição – Platão, Confúcio, o Buda, Goethe e outros, que falam dos valores eternos, que têm a ver com o centro de nossas vidas. (1995, p. 14).

Infelizmente, não é de hoje, que essa magnífica herança cultural deixou de estar presente no meio social. O que, conseqüentemente, fragilizou a criticidade de várias gerações, e levou-os, a absorverem tão facilmente, uma subjetividade fluída como água. Campbell, nos sinaliza que, quando as literaturas que faziam parte da educação, como a grega, latina etc., foram suprimidas, toda uma tradição de sabedoria se perdeu, perdeu-se de nossa alma, perdeu-se de nossa mente. Segundo o autor:

Muitas histórias se conservavam, de hábito, na mente das pessoas. Quando a história está em sua mente, você percebe sua relevância para com aquilo que esteja acontecendo em sua vida. Isso dá perspectiva ao que lhe está acontecendo. Com a perda disso, perdemos efetivamente algo, porque não possuímos nada semelhante para pôr no lugar. Esses bocados de informação, provenientes dos tempos antigos, que têm a ver com os temas que sempre deram sustentação à vida humana, que construíram civilizações e enformaram religiões através dos séculos, têm a ver com os profundos problemas interiores, com os profundos mistérios, com os profundos

limiares da travessia, e se você não souber o que dizem os sinais ao longo do caminho, terá de produzi-los por sua conta. (CAMPBELL, 1995, p. 14).

É neste patamar, nos parece, que os indivíduos estão produzindo, por conta própria, um caminho apoiados no consumismo. No qual, vão fabricando barbárie e se alimentando da mesma. Pois, ao perderem valores universais que orientavam seus caminhos, e sem nada para substituí-los, absorveram “valores” que os tem levado a um processo de desumanização dos sentidos. E esses “valores”, produzidos pelo mercado global, alienam, automatizam, e, desastrosamente, reduzem a habilidade humane de interagir, sentir, experienciar, imaginar e ser.

A nosso ver, essa problemática é muito maior do que qualquer outra que o sistema educacional possa ter enfrentado. Por isso, a educação precisa dar mais ênfase a formação humana do que a aquisição de conteúdos, que servem apenas para formar mão de obra ao mercado de trabalho. Precisa rever seu papel associativo com os interesses mercadológicos, que a levaram a se tornar mais um produto, entre tantos. Precisa parar de moldar indivíduos automatizados, condicionados, e, lamentavelmente incapazes de pensar.

O resgate da dimensão criadora da linguagem

“Fica decretado que, a partir deste instante, haverá girassóis em todas as janelas, que os girassóis terão direito a abrir-se dentro da sombra; e que as janelas devem permanecer, o dia inteiro, abertas para o verde onde cresce a esperança.”
(Thiago de Mello)

À esta situação que nos encontramos, de uma vida sem sentido, urge ressignificar nossa existência. Urge voltarmos nosso olhar ao deslumbramento da vida e voltar a sentir o espanto de estar vivo. Mas isso só é possível através da educação dos sentidos: o olhar, o cheirar, o ouvir, o tocar, o saborear; são experiências que precisam ser verdadeiras. Jorge Larrosa (2002), levanta dois pontos importantes sobre o que é experiência. Primeiro esclarece que experiência não é informação, e segundo, que não é opinião. O autor explicita que buscar informação e/ou dar opinião, não possibilita o experienciar. A respeito disso, ele nos diz:

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça” (LARROSA, 2002, p. 20).

A citação acima, nos faz perceber que a experiência é algo vivido. Porém, no presente, as coisas que se passam conosco, estão delineados de tal forma, que impedem a própria experiência. Diante disso o autor ainda reforça que no mundo de hoje, há uma pobreza de experiências. Segundo Larrosa (2002, p. 20): “Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara.” É neste aspecto que certamente, Walter Benjamim nos fala sobre a pobreza das experiências: “É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências.” (BENJAMIM, 1987, p.198).

Diante deste contexto, cremos que se faz necessário, possibilitar interações por meios significantes. Por meio de vivências que nos levem a experienciar além da vida autômata do cotidiano. Precisamos mais uma vez, e sempre, que nossas experiências sejam capazes de reencantar nosso interior. Neste sentido, a escola pode ser o espaço ideal para o reencantamento da existência. Pois é lá, onde o chão foi concretado de insensibilidade, onde a preocupação é sempre controlar, impor e punir; que as gerações que cuidarão do futuro do mundo, passam a maior parte do seu dia. Portanto, é na escola que se pode buscar o resgate a força criativa da linguagem, e assim, abrir

nossas janelas para os girassóis.

Para esse fim, é indispensável que a educação dê o devido valor a caixa de brinquedos, como nos diz Rubem Alves:

O corpo carrega duas caixas. Na mão direita, mão da destreza e do trabalho, ele leva uma caixa de ferramentas. E na mão esquerda, mão do coração, ele leva uma caixa de brinquedos.

(...)

A primeira tarefa de cada geração, dos pais, é passar aos filhos, como herança, a caixa de ferramentas. Para que eles não tenham de começar da estaca zero. Para que eles não precisem pensar em soluções que já existem. Muitas ferramentas são objetos: sapatos, escovas, facas, canetas, óculos, carros, computadores.

(...)

Mas há uma outra caixa, na mão esquerda, a mão do coração. Essa caixa está cheia de coisas que não servem para nada. Inúteis. Lá estão um livro de poemas da Cecília Meireles, a “Valsinha” do Chico, um cheiro de jasmim, um quadro do Monet, um vento no rosto, uma sonata de Mozart, o riso de uma criança, um saco de bolas de gude... Coisas inúteis. E, no entanto, elas nos fazem sorrir. E não é para isso que se educa? Para que nossos filhos saibam sorrir? (2018, p. 10-12).

São as coisas imateriais, que estão na caixa de brinquedos, que possibilitam nossas profundas experiências, permitindo que os sentidos aflorem nossa imaginação; e deste modo; sejamos capazes de viajar pelo universo da imaginação, pelo universo dos sonhos. Só assim, podemos desenvolver laços significativos, construir comunidades mais solidárias, valorizar as diferenças, tomar gosto pelo aprendizado, viver com intensidade e responsabilidade. Portanto, não é apenas pela caixa de ferramentas que construímos nossa orbe, mas essencialmente, pela caixa de brinquedos; ao criarmos coisas novas:

A ciência é, ao mesmo tempo, uma enorme caixa de ferramentas e, mais importante que suas ferramentas, um saber de como se fazem as ferramentas. O uso das ferramentas científicas que já existem pode ser ensinado. Mas a arte de construir ferramentas novas, para isso há de se saber pensar. A arte de pensar é a ponte para o desconhecido. Assim, tão importante quanto a aprendizagem do uso das ferramentas existentes – coisa que se pode aprender mecanicamente – é a arte de construir ferramentas novas. (ALVES, 2002, p. 11).

Diante disso, cremos ser necessário que a escola mude sua pedagogia, e dê ênfase, à educação do espírito humano.

A arte como meio reencantar a existência

“A arte existe para que a realidade não nos destrua.”

(Nietzsche)

No meio educacional, a ideia de que a arte é extremamente importante para o desenvolvimento da cognição, emoção, interação social e percepção do aluno, tem-se ampliado consideravelmente. Neste aspecto, a pedagogia defende o uso da arte como metodologia de

ensino. Pela qual, os profissionais da educação, têm o objetivo principal de usá-la como auxílio na transmissão de conteúdo. Tal metodologia é, sem dúvida, uma forma eficiente de ensinar. Porém, não explora a essência e o poder vital da arte para a educação. Afinal, a grandiosidade da arte está no fato de que ela é a substância primordial do conhecimento.

Segundo Ana Mae Barbosa (s.d., p. 2) arte educadora brasileira: “A arte, como uma linguagem presentacional dos sentidos, transmite significados que não podem ser transmitidos através de nenhum outro tipo de linguagem, tais como as linguagens discursivas e científica.” O que nos leva a afirmar que, a arte é uma dimensão que vai além dos aprendizados das caixas de ferramenta, já que ela é o fundamento da própria vida. É neste aspecto que podemos dizer que ficamos pobres de humanidade, visto que, a ausência da arte tornou-nos estéreis e infelizes. Ainda de acordo com Barbosa:

Através da poesia, dos gestos, da imagem, as artes falam aquilo que a história, a sociologia, a antropologia etc., não podem dizer porque elas usam um outro tipo de linguagem, a discursiva, a científica, que sozinhas não são capazes de decodificar nuances culturais (BARBOSA, s.d., p. 3).

Essa linguagem, devido sua natureza agregadora, permiti-nos interações profundas, capazes de nos fazer mais sensíveis, de olhar o outro e cuidar do outro. De trocar ideias, risos, lágrimas, encantos e desencantos da vida. Essa linguagem, toca nosso ser mais íntimo, coloca-nos diante de nossos medos, problemas, aflições, anseios. E com isso, ajuda-nos a lidar com nossos conflitos. E não é exatamente isso que nos diz o indígena Ailton Krenak, ao se deparar com a insensibilidade e o avanço tecnológico do homem branco?

Alguns anos atrás, quando eu vi o quanto que a ciência dos brancos estava desenvolvida, com seus aviões, máquinas, computadores, mísseis, eu fiquei um pouco assustado. Eu comecei a duvidar que a tradição do meu povo, que a memória ancestral do meu povo, pudesse subsistir num mundo dominado pela tecnologia pesada, concreta. (...). Eu fiquei com medo. Eu fiquei pensando: e agora? Parecia que eu estava vendo um grande granito parado na minha frente. Eu não podia olhar. Fiquei muitos dias sem graça até que eu ganhei um sonho. Ganhei um sonho desses que eu falei com vocês que não é só uma impressão de estar vendo coisas dormindo. Mas para nós o sonho é um sonho de verdade, um sonho verdadeiro, e tem sonho, sonho de verdade é quando você sente, comunica, recupera a memória da criação do mundo onde o fundamento da vida e o sentido do caminho do homem no mundo é contado pra você. (...). Por isso que no sonho a gente entra dentro dele, aprende, alimenta o espírito (1992, p. 202-203).

Essa citação, nos leva a contemplar o caráter excepcional da linguagem simbólica. Sua capacidade de nos fazer sentir, comunicar, alimentar o espírito e, diante de todos os caos que se apresenta à nossa frente, atualizar tudo, reinventar a própria vida. Em vista disso, não podemos mais colocar a arte em segundo plano, como algo sem importância. É fundamental incluir a arte, não apenas na infância, mas em todos os estágios da vida escolar. Afinal, ela é o meio que nos capacita uma integralização significativa; e assim, nos ensina os mais variados saberes; contribuindo na formação de nossa identidade, do nosso comportamento ético, de nossa subjetividade.

Considerações Finais

A dimensão criativa da linguagem, ou as linguagens artísticas, se constituem em um dos meios de formação mais importantes de uma sociedade. Pois, coloca as pessoas em contato com o ato criativo, possibilitando a elas, a autognose. Portanto, é indispensável o benéfico contato do

ser humano com o fantástico, o mágico, o imagético e o criativo. Para isso, é vital que as instituições educacionais mobilizem o espaço escolar às vivências artísticas, motivando seus discentes aos mais variados aprendizados; de forma prazerosa; sem cobranças de memorização, avaliação etc.; apenas oportunizando-os às experiências artísticas

Este processo, de experienciar a arte, é fundamental para que cada indivíduo compreenda a si, ao outro e ao mundo. Principalmente neste presente, impregnado de informações massificantes, pelas quais, se disseminam o que as pessoas devem fazer, usar, pensar etc., inculcando desejos fúteis e felicidade falsa. O que tem levado as novas gerações a se agarrarem a nocivos vícios, como as drogas, os jogos virtuais, o celular, a redes sociais e os remédios. É neste sentido, que urge desenvolver a sensibilidade do aluno, e assim, permitir-lhes criar laços entre os colegas, docentes, escola e família.

É sabido que, nossa subjetividade é construída pelos múltiplos elementos que se apresentam em nossa vida. Portanto, se nossa realidade estiver pobre de elementos significativos, como poderemos desejar uma sociedade mais saudável, mais solidária, mais humana? À vista disso é que se tem presenciado tensões e desorientação no meio escolar. Sendo assim, acreditamos que a escola precisa, através da arte, criar espaços de interações e trocas, e assim, incentivar os laços de afeto. Isso, através de momentos nos quais, o educador e o educando possam experienciar, imaginar, criar etc., e desta forma, possam descobrir novas maneiras de se reinventar.

Vale ressaltar que, a subjetividade é um processo dinâmico e histórico, que forma cada pessoa em um ser único a partir dos diversos componentes que estão na sociedade. Isso quer dizer que, várias coisas que chegam aos indivíduos, influenciando-os, pode ser por eles absorvidas e internalizadas. Portanto, a escola, tem a responsabilidade de propiciar o intercâmbio dos discentes com elementos imprescindíveis à formação humana. Assim, permitindo-lhes desenvolver a criticidade e a cidadania; tão necessárias em nossa atualidade.

Ante todos esses levantamentos acima descritos, é que mais uma vez, reforçamos a importância da arte como meio de reencantar a vida. Algo que proporcionará aos alunos, a oportunidade de sentir a vida com toda a sua beleza e terror, e conseqüentemente, buscar vivê-la da melhor forma. Pela arte, pode-se impulsionar transformações sociais a partir de trocas simbólicas, de momentos de emoção e reflexão. Isso, os capacitará a ressignificar e reencantar o mundo. Afinal, é pela imaginação que se revigora a existência. Uma existência que valha a pena ser vivida, onde possamos sentir o enlevo de esta vivos.

Dizem que o que todos procuramos é um sentido para a vida. Não penso que seja assim. Penso que o que estamos procurando é uma experiência de estar vivos, de modo que nossas experiências de vida, no plano puramente físico, tenham ressonância no interior de nosso ser e de nossa realidade mais íntimos, de modo que realmente sintamos o enlevo de estar vivos. (CAMPBELL, 1995, p. 17).

Referências

ALVES, Rubem. **A educação dos sentidos**: conversas sobre a aprendizagem e a vida. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018. *E-book*.

BARBOSA, Ana Mae. **Arte, educação e cultura**. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/mre000079.pdf>. Acesso em:

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011a. *E-book*.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011b. *E-book*.

BAUMAN, Zygmunt. **44 Cartas do mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011c. *E-book*.

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ.** [online]. n.19, p.20-28, 2002. ISSN 1413-2478.

CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. *E-book*.

CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1995.

CARNEIRO, Cláudia; ABRITTA, Stella. **Formas de existir: a busca de sentido para a vida. Rev. abordagem gestalt** [online]. v.14, n.2, p. 190-194, 2008. ISSN 1809-6867.

DUARTE JUNIOR, João Francisco. **A dimensão estética da educação**. 1980. 191 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Educacional) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1980.

DUARTE JUNIOR, João Francisco. **Por que arte-educação?** São Paulo: Papyrus, 2019. *E-book*.

FARIA, Hamilton; GARCIA, Pedro. **Arte e identidade cultural na construção de um mundo solidário**. São Paulo: Instituto Pólis, 2003.

HEIDEGGER, Martin. **Carta sobre o humanismo**. São Paulo: Centauro, 2005.

JATOBÁ, Socorro. **A Memória da Criação do Mundo: A Palavra Mítica como Técnica Mneumônica**. Amazonas: Valer, 2001.

KRENAK, Ailton. **Antes, o mundo não existia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

MANFIO, João Nicodemos Martins. **Zygmunt Bauman: uma biobibliografia e possíveis diálogos com a educação**. 2017. 198 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

OSTROWER, Faya. **A criatividade e processos de criação**. Rio de Janeiro: Vozes, 1987.

Recebido em 25 de maio de 2020.
Aceito em 12 de abril de 2022.